



EXPLORANDO A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA MEDIAÇÃO DA PAISAGEM

Pedro Paulo Pinto Maia Filho¹ - Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9044-9070>

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco, Senhor do Bonfim, BA, Brasil*

Artigo recebido em 29/04/2024 e aceito em 03/08/2024

RESUMO

Este artigo busca aprofundar o debate sobre o uso do cinema como recurso didático no Ensino de Geografia. O meio cinematográfico será considerado não apenas como uma mera ilustração do conteúdo curricular, mas como uma linguagem que permite aos alunos aproximarem-se de distintas culturas, paisagens e regiões do mundo. Isso facilita a compreensão de outras práticas espaciais e leva à reflexão sobre a própria espacialidade. Para isso, parte-se do discurso retórico de que as paisagens representadas nos filmes podem apresentar, isto é, do seu poder de síntese espacial através de certas imagens simbólicas, numa abordagem própria da geografia cultural. Seguindo uma rota comumente percorrida por geógrafos, a paisagem será utilizada como uma forma de ler a espacialidade cinematográfica. A paisagem também é estudada pelos comunicólogos que optam por analisar o documento fílmico além da narrativa; portanto, o conceito é tomado enquanto uma mediação entre os dois campos, Geografia e cinema. Assim, a paisagem será utilizada, ao mesmo tempo, como uma interpretação conceitual para a Geografia e como o instrumento norteador da análise fílmica.

Palavras-chave: ensino de geografia; cinema; paisagem; Geografia Cultural.

EXPLORING CINEMATOGRAPHIC LANGUAGE IN GEOGRAPHY TEACHING: A MEDIATION OF THE LANDSCAPE

ABSTRACT

This article aims to deepen the discussion on the use of cinema as an educational resource in Geography teaching. The cinematic medium will be considered not just as a mere illustration of the curriculum content but as a language that allows students to connect with different cultures, landscapes, and regions of the world. This facilitates the understanding of other spatial practices and prompts reflection on one's own spatiality. To achieve this, the article builds on the rhetorical discourse that the landscapes represented in films can present—specifically, their spatial synthesis power through certain symbolic images, in a manner consistent with cultural geography. Following a route commonly taken by geographers, the landscape will be used as a way to interpret cinematic spatiality. The landscape is also studied by communication scholars who choose to analyze the filmic document beyond its narrative; thus, the

* Professor do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Senhor do Bonfim- BA. Membro do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo) desde 2008. Também pertence ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço – GEPPSE. E-mail: pedro.maiafilho@univasf.edu.br

concept is used as a mediation between the two fields, Geography and cinema. Consequently, the landscape will serve simultaneously as a conceptual interpretation for Geography and as a guiding tool for film analysis.

Keywords: geography education; cinema; landscape; Cultural Geography.

EXPLORANDO EL LENGUAJE CINEMATOGRAFICO EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: UNA MEDIACIÓN DEL PAISAJE.

RESUMEN

Este artículo busca profundizar el debate sobre el uso del cine como recurso didáctico en la Enseñanza de la Geografía. El medio cinematográfico se considerará no solo como una mera ilustración del contenido curricular, sino como un lenguaje que permite a los estudiantes acercarse a distintas culturas, paisajes y regiones del mundo. Esto facilita la comprensión de otras prácticas espaciales y lleva a la reflexión sobre la propia espacialidad. Para lograr esto, el artículo se basa en el discurso retórico de que los paisajes representados en las películas pueden presentar, es decir, en su poder de síntesis espacial a través de ciertas imágenes simbólicas, en un enfoque propio de la geografía cultural. Siguiendo una ruta comúnmente recorrida por los geógrafos, el paisaje se utilizará como una forma de interpretar la espacialidad cinematográfica. El paisaje también es estudiado por los comunicólogos que eligen analizar el documento filmico más allá de su narrativa; por lo tanto, el concepto se toma como una mediación entre los dos campos, Geografía y cine. Así, el paisaje se utilizará, al mismo tiempo, como una interpretación conceptual para la Geografía y como el instrumento guía para el análisis filmico.

Palabras-clave: enseñanza de la geografía; cine; paisaje; Geografía Cultural

INTRODUÇÃO

Com o intuito de analisar o potencial didático dos meios audiovisuais para o ensino de Geografia, o presente trabalho visa apreender como diferentes elementos que compõe a linguagem cinematográfica podem contribuir na apreciação dos fenômenos espaciais. O cinema é um dos meios mais estudados pelos geógrafos que buscam o desafio de utilizar componentes artístico-representacionais na pesquisa e no ensino de Geografia. Contudo, muitas interpretações se centram na análise da narrativa, ou seja, de como a história do filme pode representar temas que compõe o currículo de Geografia. Neste sentido, propomos que a análise geográfica do cinema também incorpore um conjunto de noções que compõe a linguagem cinematográfica, expandindo assim a possibilidade interpretativa deste meio.

Além de um importante recurso didático, as representações cinematográficas passam a ser consideradas como uma fonte relevante do entendimento das condições da existência humana no espaço geográfico. O cinema enquanto objeto de pesquisa geográfica vem resultando em inúmeros trabalhos que partem de diferentes proposições teórico-metodológicas e que contribuem para o próprio desenvolvimento epistêmico e ontológico da Geografia (Morin, 2009).

Na análise geográfica do cinema, a paisagem é empregada como um conceito "mediador" que incorpora uma multiplicidade de definições e significados provenientes de diversos campos do saber científico e das variadas formas de representações artísticas. No âmbito deste estudo, o conceito de paisagem é relevante na medida em que facilita a interseção entre a arte (cinema) e a ciência (Geografia).

Considerando a acepção geográfica do termo paisagem, a paisagem cinematográfica — enquanto construção retórica de uma narrativa geográfica — é concebida como um conjunto de argumentos predominantemente visuais, mas também com apelo a outros sentidos, com significativo potencial para transmitir uma impressão sobre o espaço representado. Assim, a paisagem no cinema, além de atuar como um conceito mediador, pode ser interpretada como uma nova perspectiva para a compreensão do espaço geográfico.

Empregadas de forma crítica, determinadas obras audiovisuais podem ser utilizadas para indagar de que forma a sociedade representa seu espaço social e qual o impacto que as imagens têm na construção da percepção da espacialidade. O cinema também pode estimular o aprendizado na Geografia e despertar a curiosidade para certos temas e lugares.

Num primeiro momento vamos defender a escolha da representação cinematográfica como uma possibilidade de desvelar conhecimentos geográficos. Em seguida apresentaremos uma breve revisão enfocando-se as possibilidades metodológicas da relação Geografia-Cinema e as principais ponderações daí resultantes, destacando a linguagem deste meio como recurso didático ao Ensino de Geografia. Após por em evidência os caminhos abertos pelos geógrafos no campo do cinema objetivamos contribuir para uma reflexão teórica básica, visando assim ampliar as possibilidades pedagógicas do uso de imagens na produção do saber geográfico.

Neste sentido metodologia inclui uma revisão crítica das possibilidades interpretativas na interseção entre Geografia e Cinema, sublinhando o potencial do cinema como recurso didático para influenciar a percepção espacial e despertar a curiosidade dos alunos. Na busca de entender o espaço, a imagem não vai ser abordada como um mero componente secundário e sim como elemento central na pesquisa geográfica (Gomes; Ribeiro, 2013). O objetivo é avançar na compreensão epistêmica da Geografia, utilizando o cinema para oferecer novas perspectivas sobre fenômenos espaciais e enriquecer o desenvolvimento pedagógico.

O CINEMA EM SALA DE AULA

No âmbito do conhecimento geográfico são crescentes os estudos que buscam entender a espacialidade produzida pelas imagens e pelas manifestações artísticas. “Tanto imagens tradicionalmente utilizadas pelos geógrafos – mapas, fotografias aéreas, imagens de satélite – quanto outras, menos comuns nos trabalhos geográficos – desenhos, fotografias, pinturas, cinema, televisão – passaram a ser objeto de estudo de profissionais e professores de Geografia” (Oliveira JR, 2009, p. 18).

Primeiramente é preciso levar em consideração que o cinema, assim como outros meios de comunicação, não deve ser visto apenas como um mero veículo de entretenimento e de lazer. Além do componente lúdico, o meio cinematográfico também pode ser considerado uma fonte de (re)conhecimento de mundo. Neste sentido Noeli Reali (2007), vai definir a mídia como uma instituição pedagógica equiparada ao aprendizado familiar e religioso. Assistir a um filme, deste modo, não é uma atividade neutra, sem nenhum efeito sobre o espectador e sim uma atividade política, assim como sua produção e distribuição.

Qualquer produção cinematográfica mobiliza uma série de informações para compor a narrativa fílmica. Neste caso o professor de Geografia poderia auxiliar os estudantes na leitura da espacialidade apresentado nos filmes. Para isso, defendemos que o docente ao utilizar uma determinada produção fílmica como instrumento pedagógico deva, ao menos, buscar entender os mecanismos básicos inerentes a este meio, visando potencializar o diálogo das imagens apresentadas em tela com os conteúdos do saber geográfico.

Quanto mais o sujeito estiver equipado para dialogar com o filme (concordar, duvidar, contrapor-se, conhecer, reconhecer, discordar etc.), mais ativa também será sua ‘aprendizagem’, mais amplo se tornará seu campo cognitivo. O cinema se transforma em uma riquíssima ferramenta de análise, reflexão e compreensão do mundo e da humanidade, podendo transformar-se em verdadeiro debate coletivo (Reali, 2007, p. 134-135).

Seguindo essa concepção, o cinema não é visto como uma narrativa que conteria uma verdade absoluta, sendo passível de gerar ação reflexiva e interpretativa dos espectadores. Em sala de aula, o texto fílmico já vem sendo empregado como recurso didático nas aulas de Geografia, tanto nas escolas como nas universidades. “[...] as imagens aparecem como tendo potência educativa. Nos tempos atuais, elas não mais aparecem apenas como partícipes da criatividade e da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo, tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento” (Oliveira Júnior, 2009, p. 18).

Neste sentido, alguns geógrafos defendem que o cinema, assim como o mapa, deveria ser considerado um importante instrumento de análise para a Geografia. O escasso número de estudos que buscam essa interface cria um paradoxo “O cinema se tornou o instrumento mais poderoso para a difusão

de imagens de espaços geográficos e o geógrafo desconhece essa construção” (Gámir Orueta, 2012. p. 01). A capacidade do meio cinematográfico de representar diferentes espacialidades seria a principal motivação para os geógrafos se aventurarem para este meio. “Estudar o cinema é ampliar o principal interesse do geógrafo que é a visão de nosso mundo” (Hopkins, 2009, p. 64).

Assim, com a capacidade de representar diferentes recortes do espaço geográfico e de produzir uma “realidade” espaço-temporal, o cinema passa a ser aceito como um meio que dialogaria com o saber geográfico. “Pesquisar sobre filmes cai bem dentro do propósito da Geografia Humana. Filmes tratam de espaço e tempo, bem como, sua construção de lugar e significado” (Kennedy; Lukinbeal, 1997, p. 33). Em acréscimo, Yves Lacoste (1999, p. 155, tradução nossa) comenta;

De fato, a lógica da geografia, pode-se dizer, parece muito próximo à do cinema. Etimologicamente geografia, significa em grego (como geografia remonta a Heródoto há 2500 anos) desenhar, representando a Terra. Representando a superfície da terra, não somente com os mapas, mas também com paisagens (e são nelas que estamos atualmente interessados), como mostrado nos desenhos durante séculos, pintura e, hoje em dia, na fotografia e nos filmes. Sem dúvida, é o cinema que hoje mais contribui para desenvolver a sensibilidade paisagística a uma parte maior da população, sensibilidade que antes não existia¹.

Na contemporaneidade, o cinema desempenha um papel significativo na formação da sensibilidade paisagística. Ao proporcionar representações visuais das paisagens, o cinema contribui para a maneira como as pessoas percebem e valorizam o ambiente ao seu redor. Como um meio de mídia amplamente acessível e consumido, o cinema expande o alcance e a profundidade da nossa experiência visual das paisagens, sensibilizando um público mais amplo para a diversidade e complexidade do mundo.

A afirmação de Lacoste relaciona a lógica da geografia com a do cinema, ressaltando como ambos lidam com a representação da Terra e das paisagens. Essa comparação destaca a intersecção entre o estudo acadêmico da geografia e a expressão artística do cinema, mostrando como a representação da Terra evoluiu ao longo do tempo. Enquanto mapas e desenhos foram fundamentais no passado, o cinema e a fotografia têm ampliado a nossa percepção e apreciação das paisagens. O impacto visual e emocional dos filmes pode influenciar profundamente a forma como as pessoas se conectam com e valorizam o mundo ao seu redor, revelando uma mudança cultural na sensibilidade paisagística.

¹ En effet, la raison d'être de la géographie, pourrait-on dire, me paraît très proche de celle du cinéma. Étymologiquement géographie, cela veut dire en grec (car la géographie remonte en fait à Hérodote il y a 2500 ans) dessiner, représenter la Terre. Représenter la surface terrestre, ce ne sont pas seulement les cartes, mais aussi les paysages (et ce sont eux qui nous intéressent présentement) tels que les montrent depuis des siècles le dessin, la peinture et, de nos jours, la photographie, le film. Sans doute est-ce le cinéma qui aujourd'hui contribue le plus à développer la sensibilité aux paysages d'une part de plus en plus grande de la population, sensibilité qui n'existait guère autrefois.

Portanto o cinema pesa pelo seu valor artístico e a abrangência social, sendo uma produção cultural importante para a formação do intelecto das pessoas, porque com ele aparecem questões cognitivas, artísticas e afetivas de grande significado (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007). Neste sentido, ao trabalhar com imagens em Geografia deve-se levar em consideração que o poder de comunicação e compreensão do visível é maior que as palavras – e a tradição paisagístico-imagética do nosso campo de saber pode e deve ser resgatada.

É importante frisar que o entendimento da linguagem cinematográfica, não se restringe a um único formato audiovisual. É a partir do meio “cinema” que se desenvolvem grande parte das teorias acerca dos mais diversos mecanismos de produção audiovisual. Isso também pode ser verificado nas análises que partem da Geografia (Gámir Orueta, 2012). Portanto, uma primeira reflexão que deve ser feita pelo professor de Geografia é sobre que tipo de mídia audiovisual pode ser aplicada em sala de aula.

Campos (2006) ressalta que um dos principais problemas estaria no tempo, longas-metragens ficcionais são muito longos e podem ocupar todo o tempo de uma aula. “Não deve ser somente para cobrir a falta de assunto ou para suprir a ausência de docentes em sala de aula” (p. 1). É preciso ser criterioso e explorar ao máximo o documento fílmico a ser trabalhado em sala. Por isso se faz necessário realizar uma análise previa do filme, buscar todas as potencialidades desde os aspectos narrativos – o tema do filme –, como os aspectos paisagísticos – sua localização, fotografia e escala. Ao trabalhar com o documento audiovisual, é imprescindível conhecer alguns artifícios técnicos que são utilizados pelos produtores para assegurar seus propósitos. Montagem, dimensão e largura da tela, posição da câmera, trilha sonora são recursos dos mais variados na construção do espaço fílmico.

Dependendo da estrutura da escola e da classe social dos alunos, a visualização do filme pode ser trabalhada em grêmios estudantis, ou como atividade a ser realizada fora de sala, permitindo o tempo da aula para sua reflexão. Um filme também pode ser aplicado de forma interdisciplinar entre professores de diferentes áreas como história, literatura (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007).

Pode se utilizar apenas alguns recortes de cenas e também mídias com menor durabilidade, como curtas-metragens e documentários. De qualquer forma, um filme dentro de sala de aula pode ter vários usos e atribuições, cabendo ao professor aproveitar as diferentes leituras possíveis de acordo com os vários níveis de ensino. O documento audiovisual pode instigar debates acerca de terminados conteúdos curriculares, como refletir acerca da própria espacialidade do aluno, ou seja, de que forma uma narrativa cinematográfica pode ampliar ou complexificar o horizonte do estudante.

Também é importante contextualizar a obra, ler críticas, ampliar as informações constantes no filme com o livro didático, mapas e por que não, trabalhar com outras linguagens como a música e a literatura. É necessário manter uma visão crítica da realidade filmada, tendo em mente que a representação

cinematográfica contém códigos culturais dos realizadores que elaboram e desenvolvem seu olhar acerca da realidade.

A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DA ESPACIALIDADE

Nas décadas de 1980 e 1990 expoentes da Geografia Cultural anglófona² ressaltam a paisagem enquanto uma construção social, “[...] uma consequência de como pessoas, particularmente pessoas de grupos dominantes, criam, representam e interpretam paisagens baseadas no olhar que eles mesmos têm do mundo e das relações com outros”³ (Morin, 2009. p. 290).

Neste sentido os estudos recentes acerca da paisagem incluem o componente político destacando os conflitos sociais e culturais relacionados. (Mitchell⁴, 2003 *apud* Morin, 2009). Tal concepção vai compreender as representações imagéticas como construções sociais que podem ser observadas sob a ótica da espacialidade.

Alguns autores destacam a importância da representação cinematográfica para a construção do sentido da espacialidade no público, possibilitando que os geógrafos podem oferecer importantes subsídios para a leitura crítica do cinema. A maneira como são utilizados os espaços e como são retratados os lugares no cinema reflete normas culturais, costumes morais, estruturas sociais e ideologias preponderantes. Concomitantemente o impacto de um filme sobre um público pode moldar experiências sociais culturais e ambientais (Aitken; Zonn, 2009, p. 19).

O foco teórico é a relação entre imagem e representação como uma forma de entender a espacialidade produzida no cinema. O papel da representação da paisagem no cinema vai além de um mero cenário; ele é um elemento ativo na construção da narrativa e na definição das relações entre os personagens. A forma como um espaço é representado pode revelar muito sobre o contexto geográfico do período em que o filme foi produzido.

Por exemplo, em *Parasita* (2019) as diferentes paisagens em que estão ambientadas as casas dos personagens desempenham um papel significativo na trama. A casa dos Kim, localizada em um subsolo, e a mansão dos Park, com seu espaço amplo e elevado, ilustram as diferenças de classe social e as aspirações dos personagens. “[...] a representação consolida uma série de estruturas sociais que ajudam os indivíduos a compreenderem ambientes que de outro modo seriam caóticos e aleatórios e a se definirem e se

² Destacamos: James S. Duncan, Denis Cosgrove, Trevor J. Barnes, Karen M. Morin, Don Mitchell e Janice J. Monk.

³ [...] the consequence of how people, particularly dominant groups of people, create, represent and interpret landscapes based on their view of themselves in the world and their relationships with others.

⁴ MITCHELL, D. Cultural landscapes: just landscapes or landscapes of justice? *Progress in Human Geography* 27,6 2003 pp. 787-796

localizarem em relação a esses ambientes” (Aitken; Zonn, 2009, p. 19). A paisagem não só ajuda na construção da narrativa, mas também acentua as tensões sociais exploradas no filme.

Destaca-se, portanto, o caráter “mimético” do filme e sua capacidade de criar um modelo fictício do mundo, de construir uma *realidade* tanto na *mise-en-scène* da ficção ou do cenário “autêntico” do documentário, incorporando um conjunto de estratégias narrativas. A capacidade de um filme produzir sentido “[...] não deriva do grau de ‘realismo’, mas da construção bem-sucedida de uma série de convenções narrativas”. (*Idem*, p.39). Bem como o menosprezo ou desconstrução da convenção narrativa rebatem os discursos dominantes. Aliado à participação ativa do espectador – dinâmica e mutável – a compreensão espacial e temporal do filme não causa estranhamento. A câmera não reflete a realidade, mas elabora sentido, discurso e ideologia sendo passível de ser contestada.

O geógrafo Jeff Hopkins (2009), destaca a importância da paisagem ao analisar a imagem fílmica sob uma perspectiva semiótica. Ele argumenta que a paisagem não é apenas um cenário físico, mas uma construção cultural e semiótica composta por signos e sistemas de signos inter-relacionados. Isso significa que a paisagem no cinema, e mais amplamente na cultura, deve ser entendida como uma manifestação da maneira como os humanos interpretam e representam o mundo.

A paisagem, portanto, vai ser uma mediação entre a realidade representada e a interpretação cultural. Ela reflete e negocia valores culturais, sociais e emocionais, proporcionando um contexto que enriquece a compreensão da obra.

A análise do cinema como produto cultural recai em alguns temas, no entanto para efeito deste debate vamos nos afinar a análise da paisagem cinematográfica como uma mediação cultural. “Enquanto produto cultural e forma de arte, cada filme proporciona um mapa de itinerários e trajetórias vivas, envolvendo seus habitantes temporários e seus viajantes nas mais diversas práticas espaciais” (Azevedo, 2009. p. 122).

Enquanto produto cultural, o cinema elabora uma “Geografia Criativa”, focando na análise da construção espacial a partir da montagem, ou seja, a manipulação de planos de imagem em movimento própria ao meio cinematográfico. A montagem é eleita como fundamental na maneira como o filme é construído espacialmente. Verifica-se a capacidade que o cinema tem na elaboração de um novo espaço “[...] puramente imagético, a partir da colagem de imagens e fragmentos do espaço capturados do mundo físico” (Alvarenga, 2011, p. 40). A transição suave entre diferentes locais geográficos pode destacar conexões espaciais e temporais, enquanto cortes rápidos podem criar um senso de movimento e dinamismo em ambientes urbanos ou naturais.

A compreensão das características peculiares ao meio cinematográfico passa por uma leitura pouco usual e desafiadora para o professor de Geografia. Isso ressalta distintas questões na forma de trabalhar o espaço geográfico e a paisagem no cinema. São vários elementos que os geógrafos e professores podem

analisar em uma película, destacando as técnicas do meio audiovisual na elaboração de um lugar filmico. Desta forma, é necessário que o geógrafo se aproprie dos mecanismos de funcionamento de um meio que se tornou “[...] o instrumento mais poderoso para a difusão de espaços geográficos” (Gámir Orueta, 2012). Por isso, a “desconstrução” da linguagem cinematográfica é necessária para transformar esse meio em uma forma de conhecimento geográfico.

O cinema é entendido como uma linguagem que utiliza inúmeros processos de expressão para conduzir narrativas e de veicular ideias (Martin, 2005) A linguagem cinematográfica é uma ferramenta poderosa para representar e explorar o espaço geográfico de várias formas. A maneira como um filme é fotografado e filmado pode transmitir muitas informações sobre o espaço retratado.

Como por exemplo, no filme *Cinema, aspirinas e urubus* (2005) em que a fotografia saturada resalta a aridez do sertão nordestino. A escolha de determinados locais, ângulos de câmera, composição visual e uso de luz podem destacar características geográficas específicas, como topografia, clima, vegetação e ocupação humana.

Os produtores podem recorrer a diferentes modos de (re)criar de forma realista ou imaginativa ambientes geográficos, desde paisagens urbanas reais até paisagens naturais fictícias. Isso permite que os alunos/espectadores sejam transportados para diferentes lugares, enriquecendo sua compreensão geográfica. Deste modo cineastas manipulam o cenário filmico para refletir a subjetividade interior do personagem (Melbye, 2010)

O uso de som e música pode complementar a representação visual da geografia em um filme, evocando atmosferas específicas e realçando a experiência sensorial dos espectadores. Por exemplo, a trilha sonora pode criar uma atmosfera de suspense em uma cena ambientada em uma floresta densa ou transmitir a serenidade de uma paisagem costeira.

A linguagem cinematográfica mobiliza de simbolismo e metáfora para representar conceitos espaciais abstratos ou complexos. Por exemplo, um horizonte amplo pode simbolizar liberdade e possibilidade, enquanto uma cidade congestionada pode representar opressão e alienação. Uma retórica revisitada no cinema nacional sobre o sertão nordestino é a utilização do mar enquanto destino final dos protagonistas. A separação histórica entre sertão e o litoral ainda suscita o mar enquanto um desejo utópico em filmes como *Viajo porque preciso*, *Abril despedaçado* e *Deus e o Diabo na terra do sol*.

Deste modo as imagens midiaticam de maneira sensível a relação do sujeito como o espaço – Elas têm, em níveis diversos, uma materialidade que permite funcionar como veículos de símbolos e entra nos processos complexos de simbolização de elementos do meio ambiente (Berdoulay, 2012).

A importância da representação midiática é abordada como elemento crucial na elaboração de uma geograficidade, como lembra Cosgrove (2002), a Geografia concerne ao mundo físico que pode ser visto,

mas a visão é mais que um processo óptico, envolvendo experiências no mundo através da imaginação e expressões em imagem. Portanto, a paisagem representada na tela serve como uma mediação entre a visão do artista e a percepção do espaço vivido pelos grupos sociais. Essa representação não é apenas uma transcrição visual do ambiente, mas sim uma interseção entre as impressões pessoais do criador e a forma como diferentes comunidades experienciam e interpretam seu próprio espaço.

A PAISAGEM CINEMATOGRAFICA

Conceito caro à geografia a paisagem ganha novos sentidos nas representações audiovisuais e ampliam a possibilidade de análise deste meio. Apesar de distintos modelos de se estudar o cinema pela ciência geográfica, o recurso mais empregado pelos autores para a reflexão crítica dos filmes estaria na interpretação da paisagem transformada em pura imagem (Barbosa, 1998).

No âmbito da teoria do cinema, Lefebvre (2002) destaca que a maior parte das pesquisas desenvolvidas por estudiosos do cinema preferem as categorias genéricas que revolvem em torno da narrativa – os estudos de gêneros cinematográficos, como o *westerns*, *road movies*, ficção científica. Portanto, a paisagem não é um gênero dominante na teoria do cinema, porém seu uso vem sendo retomada pelos comunicólogos interessados na espacialidade.

Ao retomar o emprego da paisagem nos estudos do cinema, Martin Lefebvre (2002) parte da teoria produzida pelo cineasta russo Sergei Eisenstein (1987) “Certamente, para grandes cineastas e teóricos soviéticos, a paisagem e a música do filme compartilham da habilidade de expressar, na forma cinematográfica [...], o que é de outra maneira inexprimível” (Lefebvre, 2002, p. 12). Para Eisenstein a paisagem é tida como um complexo portador das possibilidades de uma interpretação plástica das emoções. Uma categoria que como a música é “[...] o elemento mais livre da película, carregado com o mínimo servil, tarefas narrativas, e o mais flexível em transportar modos, estados emocionais, e experiências espirituais” (Eisenstein⁵, 1987 *apud* Lefebvre, 2002).

Paisagem é tomada dentro do contexto oferecido por Eisenstein como uma categoria de análise do cinema que desafia o “império” da narrativa dentro de todos os aspectos de um filme. O cineasta e teórico russo concebe que a paisagem, deve distinguir-se de um mero espaço do fundo ou ajuste subordinado, onde a ação e os eventos ocorrem, denominando uma “musicalidade” da paisagem emocional. “Articulada pela montagem, a paisagem será carregada de sentidos dramáticos, de efeitos retóricos, de sugestões ideológicas” (Amancio, 2000, p.49).

⁵ EISENSTEIN, S. M., **Nonindifferent Nature**, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

Alguns autores, no entanto, suscitam que um modo crítico de entender o filme estaria na inseparabilidade da estrutura narrativa com os elementos paisagem e ambiente (Barrera; Dematteis; Mancini, 1981). A paisagem daria sentido aos eventos cinematográficos e as posições narrativas com escala e contexto histórico (Lukinbeal, 2005).

Portanto partindo da aceção do termo paisagem na Geografia e no cinema, a *paisagem cinematográfica* – enquanto construção de uma retórica geográfica – é considerada como um conjunto de argumentos (sobretudo visuais, porém com apelo a outros sentidos) com enorme poder de transmitir uma impressão acerca do espaço representado, seja com explícita intencionalidade ou de maneira a apenas refletir um contexto subsumido (Maia Filho, 2013).

O conceito de paisagem cinematográfica é desenvolvido de acordo com a perspectiva de Cosgrove (2002), que afirma que a paisagem na Geografia Humana está intimamente vinculada à cultura, sendo uma "maneira de ver" carregada de sentido e simbolismo. Nessa perspectiva, o geógrafo pode atribuir às imagens de uma determinada película o caráter de uma seleção – intencional ou não – de “maneiras de ver” carregadas de sentido e simbolismo de uma dada sociedade. A “paisagem cinematográfica” é a representação audiovisual de uma paisagem real ou imaginado/visualizado pelo espectador. Constitui um complexo sistema de signos auriculares e visuais criados por quem faz cinema, pelo meio de expressão e pela audiência.

A paisagem cinematográfica é o resultado de uma expressão subjetiva sobre um determinado recorte espacial, uma mediação entre os cineastas e o público acerca de um determinado conjunto espacial. É o resultado de uma produção cultural impregnado de ideologia e intencionalidade. Seguindo a tradição da gênese da paisagem na representação pictórica, a paisagem cinematográfica constitui o modo como percebemos o espaço geográfico, a paisagem é intrínseca a sensibilidade cultural do espectador (Gámir Orueta, 2012).

Na paisagem cinematográfica o observador compreende dois sujeitos, o cineasta e os espectadores. O observador-diretor não é apenas um “captador” da realidade, ele busca, descobre, mostra intencional e não intencionalmente uma paisagem captada, montada e por fim reproduzida na tela. Em seguida o observador-público como base no enquadramento realizado previamente vai reinterpretar a interpretação do diretor, sempre em diálogo – o espectador não é um sujeito passivo (Maia Filho, 2013).

Como uma figura de linguagem retórica, as paisagens cinematográficas operam como fios condutores para uma Geografia imaginativa fortemente enraizada nas qualidades do meio físico, do contexto histórico-político e na biografia do cineasta que vivencia e/ou imagina o espaço. Além disso, a paisagem cumpre uma função essencial no cinema. A paisagem no cinema vai ser um conjunto de planos esparsos e fragmentados que organizam a narrativa, dando-lhe ritmo ou emoldurando a ação dos

personagens. A paisagem no cinema vai ser pontuação, relaxamento, pausa reflexiva, imagem poética, composição estética (Amancio, 2000, p.49).

A paisagem visualizada nos filmes é uma construção interpretativa, uma seleção de características do espaço, uma interposição entre as experiências individuais e coletivas ao mesmo tempo materiais e simbólicas, sedimentados por sua historicidade. Portanto as paisagens cinematográficas não são meras representações, mas são paisagens de trabalho envolvidos com a produção e reprodução cultural. Paisagens cinematográficas incluem o mundo da produção, distribuição e consumo de filmes (Lukinbeal, 2005). Portanto, a maneira de representar/criar essas paisagens é um modo para compreender a estruturação simbólica do espaço e um modo de chegar às relações entre a experiência e representação da paisagem (Maciel, 2004).

A importância da mediação da paisagem está em seu poder de comunicação e compreensão, que muitas vezes supera o que as palavras podem expressar. As imagens e representações visuais têm um impacto significativo, permitindo uma análise mais profunda das interações entre o espaço e a representação artística. A paisagem, portanto, atua como uma ponte que conecta e traduz significados complexos provenientes de diferentes disciplinas.

Assim, o cinema se apropria de paisagens ou de elementos característicos dessa paisagem, que tem origem concreta em um determinado recorte espacial. O meio cinematográfico contribui de forma significativa na construção das identidades relacionadas com o território, ao eleger um cenário concreto para os filmes. Essas identidades são mediadas pelos símbolos, que mantêm uma relação direta com o espaço, e ao mesmo tempo estão carregadas de subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso crescente do cinema como recurso didático para o ensino de Geografia demanda uma reflexão aprofundada sobre como maximizar o aproveitamento desse recurso e de outros meios audiovisuais em sala de aula. A paisagem, conceito central na Geografia, adquire novos significados e aplicações quando analisada através de imagens produzidas em contextos ficcionais.

Geógrafos têm desenvolvido diversas abordagens para integrar o cinema ao estudo geográfico, ampliando as possibilidades de análise e compreensão da temática. A produção audiovisual pode servir como um meio para explorar e expressar a “atmosfera” histórica, geográfica e social de uma região ou território. As narrativas cinematográficas, ao refletirem experiências e percepções socioterritoriais, contribuem para a construção de um esquema explicativo ou interpretativo.

Contudo, o uso restrito da narrativa do filme — focando apenas na história — pode desconsiderar aspectos importantes como fotografia, edição e a posição da câmera. Alguns geógrafos têm criado metodologias que vão além da narrativa, concentrando-se na análise da paisagem cinematográfica. Conhecer a linguagem cinematográfica pode permitir ao professor de Geografia identificar diversas intenções na obra e explorar a dimensão espacial com mais profundidade.

A mediação da paisagem desempenha um papel crucial ao conectar a Geografia e o cinema. Neste contexto, a paisagem não é apenas uma representação visual, mas um conceito que facilita a compreensão e a integração entre arte e ciência. O cinema, como expressão artística, oferece interpretações de paisagens que a Geografia pode analisar para compreender melhor o significado dessas representações em diversos contextos.

Além disso, a paisagem, com suas variadas definições e significados, torna-se uma ferramenta valiosa para análises multidimensionais. Isso permite explorar aspectos cognitivos, afetivos, culturais e sociais das representações espaciais, oferecendo uma visão mais abrangente e enriquecedora.

Assim, a mediação da paisagem promove uma integração eficaz entre cinema e Geografia, melhorando a comunicação visual e a compreensão das representações espaciais e culturais. Essa abordagem facilita uma interpretação mais profunda das interações entre arte e ciência. A variedade de formas de trabalhar com documentos filmicos abre novas oportunidades para a prática educativa em Geografia, sublinhando a importância de incorporar novas reflexões da Geografia Cultural e adotar uma abordagem intertextual com diferentes áreas do saber. Estudos das representações visuais, inseridos em um contexto de aproximação com manifestações artísticas e culturais, possibilitam novas e enriquecedoras abordagens pedagógicas.

Filmes citados

Abril despedaçado (Walter Salles, 2001, Brasil/França/Suíça)

Cinema, aspirinas e urubus (Marcelo Gomes, 2005, Brasil)

Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha, 1964, Brasil)

Parasita (Bong Joon-ho, 2019, Coreia do Sul)

Viajo porque preciso, volto porque te amo (Karim Ainouz e Marcelo Gomes, 2009, Brasil)

REFERÊNCIAS

- AITKEN, S. C; ZONN, L. E. “Re-apresentando o lugar Pastiche.” In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 15-58.
- ALVARENGA, A. L. de. “A geografia criativa do cinema: o papel da montagem na construção dos espaços filmicos”. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-54, 2011.
- AMANCIO, T. O. **Brasil dos gringos**: imagens do cinema. Niterói: Intertexto, 2000.
- AZEVEDO, A. F. Geografia e cinema. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 95-127.
- BARBOSA, J. L. Paisagens Americanas: Imagens e Representações do Wilderness. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. V, p. 43-53, 1998.
- BARRERA, D.; DEMATTEIS, G.; MANCINI, F. Cinema e paesaggio. **Hérodote**, Verona, n. 4, p. 170-179, 1981.
- BERDOULAY, V. “Espaço e cultura.” In: CATRO, I. E ; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012. p. 101-131.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006. Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm. Acesso em: 12 maio 2009.
- COSGROVE, D. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la A.G.E.**, Logroño, n. 34, p. 63-89, 2002.
- GÁMIR ORUETA, Agustín. La consideración del espacio geográfico y el paisaje em el cine. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XVI, n. 403, 1 de junio de 2012.
- GOMES, Paulo César da Costa; RIBEIRO, Leticia Parente. A produção de imagens para a pesquisa em Geografia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 27-42, jan./jun. 2013.
- HOPKINS, Jeff. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 59-94.
- LACOSTE, Y. Westerns et géopolitique. In: MOTTET, J. (Ed.). **Les Paysages du cinema**. Seyssel: Champ Vallon, 1999. p. 154-163.
- LEFEBVRE, M. **Landscape and film**. New York: AFI, 2002.
- LUKINBEAL, C. Cinematic Landscapes. **Journal of Cultural Geography** v. 23, n. 1, Fall/Winter, p. 3-22, 2005.
- MACIEL, C. A. A. **Metonímias Geográficas**: imaginação e retórica da paisagem no semi-árido pernambucano. 2004. 527 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MAIA FILHO, P. P. P. *Outsiders* na caatinga: representações cinematográficas do semiárido nordestino através do “olhar estrangeiro” In: **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. de 2013. p. 87-110.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MELBYE, D. **Landscape allegory in cinema**. *From wilderness to wasteland*. Nueva York: Palgrave MacMillan, 2010

MORIN, K. M. Landscape: representing and interpreting the world. In: CLIFFORD, J. Nicholas *et al.* **Key concepts in geography**. New York: SAGE Publications Ltda. 2009.

OLIVEIRA JR, W. M. de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. In: **ProPosições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28, dez. 2009.. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 jun. 2017

KENNEDY, C.; LUKINBEAL, “Towards a holistic approach to geographic research on film”. In: Progress in Human Geography. n°21, February-1997. pp.33-50.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. 383 p.

REALI, N. G. Cinema na universidade: possibilidades, diálogos e diferenças. Chapecó: Editora:Argos (UnoChapeco), 2007.